

CRUZANDO FRONTEIRAS E ROMPENDO LAÇOS ENDÓGENOS

José Marques de MELO*

O Brasil vivencia, neste liminar do século XXI, um período de explosão das revistas comunicacionais. O vertiginoso crescimento das unidades de ensino e pesquisa nesta nova área do conhecimento tem impulsionado suas lideranças a lançar publicações destinadas a veicular os estudos e reflexões produzidos por suas equipes. Muitas entidades agem por motivação burocrática, visando melhorar seu desempenho imediato nas avaliações realizadas pelas agências educacionais do governo federal.

Há 20 vinte anos, o panorama era distinto. Lançar uma revista acadêmica constituía uma aventura, a que se lançavam apenas as universidades que possuíam estratégias acadêmicas de longo prazo. Por isso mesmo, algumas delas estavam fadadas à morte precoce, porque seus idealizadores não se muniam de condições capazes de lhes dar sustentação permanente.

Ao criar *Comunicarte*, em 1982, a PUC de Campinas engendrou duas estratégias que foram responsáveis, a meu ver, pela sua sobrevivência no tempo.

A primeira foi a natureza interdisciplinar, estimulando o cruzamento de fronteiras entre Artes e Comunicação, o que garantiu frutífero diálogo entre acadêmicos situados em universos contíguos. Sendo veículo de uma comunidade que reúne produtores de Arte e profissionais da Comunicação, a revista certamente contribuiu para cimentar as relações entre dois grupos que operam símbolos, embora adotando posturas nem sempre convergentes.

(*) Professor Emérito da Universidade de São Paulo – USP e Presidente de Honra da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM.

A segunda foi a opção não endógena. Geralmente as publicações universitárias se transformam em correias de transmissão dos guetos intelectuais a que estão vinculadas. Por isso mesmo, assumem perfil paroquial, não logrando repercussão externa.

Esta revista manteve sempre uma postura de acolhimento a colaborações externas. Já em seu primeiro número, destaca-se um artigo escrito por Luiz Beltrão, sinalizando à comunidade nacional sobre a receptividade às colaborações não domésticas. Nas edições seguintes, verifica-se como essa estratégia deu resultados, motivando a participação de jovens ou renomados pesquisadores, de todas as regiões do território brasileiro.

Para tanto, foi decisiva a liderança exercida pelo seu primeiro editor, Mário Erbolato, figura dotada de enorme vocação para o diálogo, além de possuir grande credibilidade intelectual. Ele desenvolveu esforço tenaz para atrair originais, de dentro e de fora da instituição, mantendo também uma política aguerrida de circulação externa. A presença da revista nas bibliotecas de todo o país e nas coleções particulares das personalidades paradigmáticas das artes e das ciências da comunicação ajudou a potencializar o seu impacto difusionista.

Ao preservar a linha de ação esboçada pelo fundador, selecionando boas colaborações externas, que funcionam com parâmetros para a seletividade dos artigos domésticos, e distribuindo nacionalmente as edições lançadas, intensificando o trânsito das idéias que veicula, os novos editores de *Comunicarte* garantem a continuidade, o prestígio e o êxito desta revista plural.